



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO PEDAGOGIA

MARIA VITÓRIA HERMINIO MARIANO

A LITERATURA INFANTIL E A CONSTRUÇÃO DA AUTOESTIMA DA
CRIANÇA

JOÃO PESSOA

2025

MARIA VITÓRIA HERMINIO MARIANO

A LITERATURA INFANTIL E A CONSTRUÇÃO DA AUTOESTIMA DA
CRIANÇA

Trabalho de Conclusão de curso apresentado como
exigência para o título de Licenciatura em
Pedagogia, pela Universidade Federal da Paraíba
(UFPB), Campus João Pessoa.

Orientadora: Profa. Dra. Marinês Andrea Kunz.

JOÃO PESSOA

2025

**Catalogação na publicação
Seção de Catalogação e Classificação**

M3331 Mariano, Maria Vitória Herminio.
A literatura infantil e a construção da autoestima
da criança / Maria Vitória Herminio Mariano. - João
Pessoa, 2025.
46 f. : il.

Orientação: Marinês Andrea Kunz.
Trabalho de Conclusão de Curso - (Graduação em
Pedagogia) - UFPB/CE.

1. Infância. 2. Autoestima. 3. Literatura infantil.
I. Kunz, Marinês Andrea. II. Título.

UFPB/CE

CDU 82-93(043.2)

MARIA VITÓRIA HERMINIO MARIANO

A LITERATURA INFANTIL E A CONSTRUÇÃO DA AUTOESTIMA DA CRIANÇA.

Trabalho de conclusão de curso submetido à Banca
Examinadora designada pelo Curso de Graduação
na Universidade Federal da Paraíba como requisito
para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente

 MARINES ANDREA KUNZ
Data: 14/10/2025 11:42:09-0300
Verifique em <https://validar.itb.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Marinês Andrea Kunz - UFPB (Orientadora)

Documento assinado digitalmente

 FERNANDA ZILLI DO NASCIMENTO
Data: 12/10/2025 12:02:35-0300
Verifique em <https://validar.itb.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Fernanda Zilli do Nascimento - UFPB

(Membro da banca Examinadora)

Documento assinado digitalmente

 PATRÍCIA ALBUQUERQUE DE CAMPOS
Data: 13/10/2025 07:03:52-0300
Verifique em <https://validar.itb.gov.br>

Prof.^a Patrícia Albuquerque De Campos - UFPB

(Membro da banca Examinadora)

João Pessoa, 06 de outubro de 2025.

Toda obra literária é antes de mais nada uma espécie de objeto, de objeto construído; e é grande o poder humanizador desta construção, enquanto construção.

Cândido (2011).

AGRADECIMENTOS

Inicialmente, agradeço a Deus pela minha existência. Por ser razão de todo meu esforço, dedicação e mostrar que nunca estive sozinha. Ao soberano senhor Jeová Deus, minha gratidão por essa conquista.

Aos meus pais, sou totalmente grata. Em meio a tantas dificuldades, eles foram meu porto seguro, obrigada por todo amor, carinho e compreensão em prol do meu bem-estar e pelo incentivo inabalável a ir atrás dos meus objetivos.

Agradeço ao meu irmão, sem você eu sei que esse processo seria ainda mais difícil, obrigada pelo apoio. Este trabalho constitui-se, em grande medida, como fruto da presença constante e apoio incondicional que me deixam marcas.

Aos meus avós agradeço pelas orações e vibrações a cada conquista. Além dos meus familiares, amigos e professores que de forma direta e indireta contribuíram na realização desta pesquisa.

Agradeço também à minha orientadora, profa. Dra. Marinês Andrea Kunz pela paciência, empenho e por acreditar que esse trabalho seria possível.

Por fim, às minhas amigas, obrigada por me incentivar e apoiar durante a trajetória acadêmica. A vocês o meu carinho e gratidão.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de curso, cujo tema é “Literatura Infantil e a construção da autoestima da criança”, tem como objetivo geral analisar de que forma obras da literatura infantil abordam a autoestima da criança. Os objetivos específicos são: estudar a importância da literatura infantil na formação do sujeito; Discutir o papel do professor como mediador da leitura literária; analisar narrativas da literatura infantil quanto ao tratamento da autoestima da criança. A metodologia deste trabalho é de cunho bibliográfico, com abordagem qualitativa e caráter exploratório. Para discutir a literatura infantil, foi utilizadas a Base Nacional Comum Curricular (2018), bem como estudos de Cândido (2011), Colomer (2002), Faraco (2009), Oliveira (1997), Santos e Saito (2020), Zilberman (2005) e Antunes, Kunz e Martins (2021),. Na abordagem da temática “autoestima da criança” utilizaram-se Frada e Neves (2017), Guilhardi (2002) e Galvão (1997). A análise e discussão foi feita, ainda, com base nos autores Pontes e Betta (2020), Reis e Lopes (1988) e Silva (2017). Por fim, foram analisadas as seguintes obras da literatura infantil: *As tranças de Bintou*, da autora Sylviane Anna Diouf; *Amoras*, de Emicida, e *Elmer – o elefante xadrez*, do autor David McKee. Os resultados mostraram que a literatura infantil permite à criança sonhar, desenvolver a imaginação é a reflexão sobre si mesma e sobre o seu contexto social. O estudo mostrou que os professores têm o papel fundamental como mediador, para estimular os educandos as diferentes leituras por meio de experiências prazerosas, além de criar laços afetuosos que se tornam essenciais para o fortalecimento da autoestima da criança. Por fim, as obras da literatura infantil abordam, de forma artística e simbólica, problemáticas pessoais que são solucionados pelos protagonistas, podendo contribuir, assim, para elevar a autoestima do leitor.

Palavras-chave: Infância; Autoestima; Literatura Infantil.

ABSTRACT

This Final Paper, whose theme is “Children’s Literature and the Construction of Children’s Self-Esteem”, has as its general objective to analyze how works of children’s literature address children’s self-esteem. The specific objectives are: to study the importance of children’s literature in the formation of the individual; Discuss the role of the teacher as a mediator of literary reading; and to analyze narratives in children’s literature regarding the treatment of children’s self-esteem. The methodology of this study is bibliographic, with a qualitative approach and an exploratory character. To discuss children’s literature, the following references were used: the National Common Curricular Base (2018), as well as studies by Cândido (2011), Colomer (2002), Faraco (2009), Oliveira (1997), Santos and Saito (2020), Zilberman (2005), and Antunes, Kunz, and Martins (2021). Regarding the theme of “children’s self-esteem,” works by Frada and Neves (2017), Guilhardi (2002), and Galvão (1997) were used. The analysis and discussion also drew on Pontes and Betta (2020), Reis and Lopes (1988), and Silva (2017). Finally, the following works of children’s literature were analyzed: Bintou’s Braids by Sylviane Anna Diouf; Amoras by Emicida; and Elmer the Patchwork Elephant by David McKee. The results showed that children’s literature allows children to dream, develop imagination, and reflect on themselves and their social context. The study also highlighted that teachers play a fundamental role as mediators, encouraging students to engage in diverse and enjoyable reading experiences, bringing characters to life, and creating affective bonds that are essential for strengthening children’s self-esteem. In conclusion, children’s literature artistically and symbolically addresses personal challenges that are resolved by the protagonists, thus contributing to enhancing the reader’s self-esteem.

Keywords: Childhood; Self-esteem; Children’s Literature.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Capa da obra.....	29
Figura 2 – Reflexo na água.....	30
Figura 3 – Bintou ao lado da irmã.....	31
Figura 4 – Celebrado com comunidade.....	32
Figura 5 – A menina e sua avó.....	32
Figura 6 – Bintou feliz.....	33
Figura 7 – Capa e contra capa.....	34
Figura 8 – Amora pensando.....	34
Figura 9 – Obatalá e Ganesha.....	35
Figura 10 – Amora com cabelo de nuvens.....	36
Figura 11 – Emicida colhendo amoras.....	37
Figura 12, 13 e 14 – Pai e filha.....	37
Figura 15 – Capa da obra.....	39
Figura 16 – Manada de elefantes.....	39
Figura 17 – Elmer.....	40
Figura 18 – Elefantes brincando.....	40
Figura 19 – Elmer fugindo.....	41
Figura 20 – Encontro com os animais da floresta.....	41
Figura 21 e 22 – Encontro com o arbusto.....	41
Figura 23 – Remoção da pintura do elefante Elmer.....	42
Figura 24 e 25 – Desfile dos elefantes.....	42

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1. LITERATURA INFANTIL E AUTOESTIMA.....	15
1.1 A importância da literatura infantil na formação do sujeito.....	15
1.2 Autoestima e infância.....	21
2. METODOLOGIA.....	24
2.1 Tipo de pesquisa.....	24
2.2 Análise e discussão dos dados da pesquisa.....	24
3. ENTRE PALAVRAS E IMAGENS: O CULTIVO DA AUTOESTIMA.....	27
3.1 Autoestima em As Tranças de Bintou.....	28
3.2 A beleza própria como fortalecimento da autoestima em Amoras.....	32
3.3 Autoestima e reconhecimento de si em Elmer - O Elefante Xadrez.....	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
REFERÊNCIAS.....	45

INTRODUÇÃO

O direito à literatura é um bem coletivo que pertence à humanidade e integra sua essência. Cândido (2011) argumenta que, assim como outros direitos básicos devem ser garantidos, como alimentação e educação, o acesso à literatura desde a infância é essencial para construção da subjetividade da pessoa, o que incide sobre a capacidade de sonhar e imaginar. Além disso, a leitura literária contribui para a compreensão do mundo e a consequente reflexão sobre si mesmo.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento que norteia a Educação no Brasil, legitima o envolvimento com a literatura, que possui um potencial de transformação. Por meio da experiência literária que o estudante progride em seu desenvolvimento cognitivo, amplia sua imaginação e elabora ideias, desenvolvendo a criatividade. Essa ideia reforça que, por meio da literatura, as crianças têm acesso ao lúdico, elemento fundamental nas práticas de leitura, além de poderem explorar um universo de experiências cheio de processos imaginativos que encantam, estimulam a reflexão e fomentam a criatividade. Outro elemento importante é a capacidade humanizadora que a leitura de textos literários oferece. Ao se relacionar com essas narrativas, o leitor consegue se reconhecer, aprimorar suas habilidades e formar novas concepções.

Outro aspecto de grande relevância a ser evidenciado diz respeito à linguagem, bem como aos elementos e às dinâmicas que estruturam esse complexo universo simbólico. As dimensões não apenas expressam, ao contrário, configuram-se como instrumentos mediadores da construção do pensamento, da subjetividade e da realidade social. A linguagem, nesse sentido, não é um apêndice da vida social, mas um componente constitutivo do ser humano em sua historicidade. Conforme argumenta Faraco (2009) ela é profundamente articulada às práticas sociais e culturais dos sujeitos. Por outro lado, esse universo simbólico, composto por signos, discursos e práticas discursivas, opera como um sistema de significações que orienta comportamentos, modela identidades e define pertencimentos. Assim, compreender a linguagem em sua dimensão social e histórica é compreender, também, os processos de produção de sentidos que atravessam a experiência humana desde a infância. As palavras, os gestos,

as narrativas e os códigos simbólicos presentes nas interações cotidianas são, portanto, veículos de formação cultural e de posicionamento subjetivo, funcionando como espaços de disputa, resistência e reprodução de valores.

No âmbito da formação do sujeito, outro aspecto de suma importância é a autoestima, que, atualmente, é reconhecida como um indicador social crucial para entender o desenvolvimento e avanço pessoal. Logo, durante os primeiros anos de vida das crianças, se concentra o início da construção da autoestima, por meio das interações sociais e das experiências vividas, as quais moldam sua percepção sobre si mesmas.

Nesse sentido, refletir sobre a relação da literatura infantil com a autoestima da criança é um tema relevante. A escolha do tema desta temática foi motivada pelas inquietações decorrentes das experiências vivenciadas pela autora durante o curso de Pedagogia na Universidade Federal da Paraíba, mediante a disciplina Língua e Literatura. As aulas sobre “Contação de histórias infantis”, sob a orientação da professora Dra. Marinês Andrea Kunz, tinham por objetivo suscitar o gosto pelas narrativas literárias dos discentes de maneira envolvente, trabalhando com diversos materiais lúdicos e significativos, além de contribuir para a prática dos professores em formação nesta temática.

Ademais, observando as práticas pedagógicas vivenciadas no âmbito do componente curricular, que possibilitou uma abordagem metodológica eficaz para o desenvolvimento de competências docentes no ambiente escolar, emergiu o interesse pela articulação. Diante das discussões suscitadas, optou-se por estudar a Literatura Infantil e a construção da autoestima da criança. O tema em questão foi escolhido por tratar de aspectos relevantes, sobretudo, pela possibilidade de propiciar resultados positivos nas vidas de muitas crianças, porque a literatura alimenta a imaginação abrangendo o consciente e o inconsciente e aborda questões sensíveis, como a autoestima, por exemplo. Haja vista que muitas das vezes o espaço escolar é o único lugar onde os estudantes vão ter contato com as narrativas. Logo, certas práticas pedagógicas aplicadas pelos docentes sem intencionalidade para os estudantes acarretam o desinteresse e a desmotivação pelas narrativas, ou seja, não conseguem atingir os objetivos propostos. Assim, a confluência da vivência culminou na discussão apresentada neste trabalho.

Sendo assim, pelo fato de desempenhar um papel fundamental no desenvolvimento emocional e psicológico das crianças, a literatura infantil constitui um vínculo poderoso para a construção da autoestima, que leva à problemática do presente estudo: De que modo narrativas da literatura infantil abordam a autoestima da criança?

Para responder a esta questão-problema, o objetivo geral deste Trabalho de Conclusão de Curso pode ser assim expresso: Analisar de que forma obras da literatura infantil abordam a autoestima da criança. Com esse propósito, foram estabelecidos três objetivos específicos:

- Estudar a importância da literatura infantil na formação do sujeito;
- Discutir o papel do professor como mediador da leitura literária;
- Analisar narrativas da literatura infantil quanto ao tratamento da autoestima da criança.

O presente está estruturado em três capítulos. No primeiro capítulo, é abordada a importância da literatura infantil na formação do sujeito e a construção da autoestima na infância. Em seguida, o segundo capítulo apresenta a metodologia da pesquisa. No terceiro, são analisadas as obras de literatura infantil elencadas como *corpus* de análise deste estudo.

1. LITERATURA INFANTIL E AUTOESTIMA

Neste capítulo, vamos tratar das contribuições da literatura infantil na constituição do sujeito, compreendido aqui como eixo central deste estudo. Além disso, traremos uma breve discussão acerca da autoestima e da infância, considerando suas implicações no processo da formação humana.

1.1 A importância da literatura infantil na formação do sujeito

A literatura é considerada um elemento crucial na educação e no processo de aprendizagem do ser humano. Assim destaca Cândido (2011, p.174): “não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação”. O autor explica que a literatura manifesta as experiências humanas universais em todas as épocas, sendo uma maneira singular de transformar as perspectivas dos indivíduos. O acesso à literatura é um direito que abre portas para a reflexão profunda, a imaginação fértil e a criatividade incessante.

Além disso, as experiências com a literatura têm o poder de impactar e reconstruir a identidade humana, influenciando quem elas são e como pensam, além de enriquecer sua percepção sobre si mesmas e sobre o mundo. Por meio da literatura, o sujeito é convocado a adentrar universos simbólicos que, ao mesmo tempo em que refletem a condição humana, provocam reflexões profundas sobre si e sobre o mundo. Cândido (2011) destaca com precisão que “nas mãos do leitor o livro” adquire potência transformadora, pois permite que este construa e ressignifique sua própria identidade. Nesse sentido, o livro, ao alcançar o leitor, deixa de ser apenas um artefato impresso para tornar-se instrumento de elaboração simbólica da realidade e do próprio eu, permitindo uma experiência estética profundamente vinculada à ética, que contribui para a construção de sujeitos mais sensíveis, críticos e socialmente implicados.

Cândido (2011, p.177) afirma, ainda, que “toda obra literária é antes de mais nada uma espécie de objeto, de objeto construído; e é grande o poder humanizador desta

construção, enquanto construção”. Ou seja, a literatura causa impactos no leitor, uma vez que este deve desvendar a forma como o texto literário foi elaborado. Esse percurso permite acionar conhecimentos e emoções, o que incide sobre a formação do leitor enquanto sujeito, podendo reelaborar sua visão de mundo, em um processo de humanização que prevê o desenvolvimento da alteridade.

Por oferecer relevantes contribuições ao aprimoramento das capacidades humanas, é legítimo afirmar que a leitura literária ocupa um papel central e insubstituível. A prática da leitura literária configura-se, portanto, como um instrumento de transformação, apto a promover o desenvolvimento de competências fundamentais e essenciais na formação dos sujeitos.

Segundo Zilberman (2005, p.9), “[...] livros lidos na infância permanecem na memória do adolescente e do adulto, responsáveis que foram por bons momentos aos quais as pessoas não cansam de regressar”. A autora evidencia que uma vivência leitora significativa, construída com intencionalidade desde os primeiros anos, exerce um papel estruturante na formação da criança. Tal experiência não apenas contribui para o desenvolvimento cognitivo e emocional, mas também imprime marcas afetivas duradouras, influenciando a forma como o sujeito se percebe e se insere no mundo. Assim, a literatura infantil, quando mediada de forma consciente e sensível, constitui uma base simbólica poderosa, cujos efeitos reverberam ao longo da vida adulta.

Zilberman (2005, p.10) ainda afirma que

Relevar obras que marcaram as lembranças de leituras passadas é sinal de que aqueles livros foram julgados bons. Não quer dizer que isso só ocorra com os escritos que compõem a literatura infantil, pois, por toda a vida, podemos ser convidados a retomar os textos que vieram a constituir nossa biblioteca interior, formada por aquilo que as recordações armazenaram. Aqueles que predominam na primeira década e meia de vida de cada um são chamados de literatura infantil. Poder-se-iam definir os livros para crianças por essa característica: são os que ouvimos ou lemos antes de chegar à idade adulta.

Nesse sentido, a constituição do sujeito leitor inicia-se pela escuta e pela prática literária, as quais possibilitam a atribuição de novos significados à experiência vivida e a formulação de hipóteses sobre si e sobre o outro, bem como suas relações com as múltiplas realidades sociais e culturais. Além de exercer um papel fundamental no

processo de desenvolvimento integral, amplia as competências relacionadas à linguagem oral e escrita.

Fica evidente, conforme apontam Antunes, Kunz e Martins (2021, p.149), que “na infância, a criança encontra, nas brincadeiras, em rodas cantadas, na literatura etc., caminhos para expressar-se e desenvolver-se, ampliando sua visão de mundo e constituindo-se como sujeito”. A afirmação ressalta a importância das experiências simbólicas e culturais na primeira infância como meios fundamentais para a constituição subjetiva. Quando são mediadas com intencionalidade pedagógica, essas vivências tornam-se alicerces significativos para a construção da identidade infantil. Essa base sólida, construída nos primeiros anos de vida, tem reflexos na vida adulta, uma vez que marca profundamente a forma como o sujeito percebe a si mesmo e se relaciona com o mundo, gerando memórias afetivas duradouras e estruturantes.

É reconhecível que a criança já nasce inserida em uma sociedade letrada, sendo desde muito cedo exposta à linguagem escrita e às práticas sociais de leitura e escrita que permeiam seu ambiente cotidiano. Essas experiências, mediadas por interações comunicativas significativas, contribuem de forma decisiva para o seu desenvolvimento cognitivo, linguístico e social, favorecendo a construção progressiva de sua autonomia. Nesse sentido, de acordo com Antunes, Kunz e Martins (2021, p.149), é necessário “estimular e proporcionar vivências mais próximas de contato com a escrita, com os livros, de ouvir e contar muitas histórias, pois a criança já vai distinguindo letras e palavras de números e de desenhos [...].”. As práticas educativas são, portanto, fundamentais para a inserção ativa da criança no universo da linguagem escrita e para a constituição de sua identidade como sujeito leitor.

Dada essa importância, a argumentação apresentada pelas autoras fundamenta-se no caráter transformador da leitura literária, evidenciando seu potencial para ressignificar experiências e promover uma conexão do sujeito com sua subjetividade, por meio do contato com as múltiplas dimensões das narrativas. Ademais, ressalta-se a literatura como instrumento privilegiado para a formação do leitor, sendo o principal meio para fomentar o apreço estético e consolidar o gosto pela leitura literária desde os primeiros anos de vida.

Ao refletir sobre a literatura, é necessário refletir também sobre a linguagem e sua importância na formação da subjetividade e na relação do sujeito com o mundo.

Faraco (2009, p.47) destaca que “não há enunciado neutro; a própria retórica da neutralidade é também uma posição axiológica”. Essa afirmação reforça o princípio de que todo enunciado carrega uma carga valorativa e emerge como resposta a outros discursos previamente formulados. Nesse sentido, a linguagem e, portanto, a literatura não é meramente um instrumento de comunicação, mas um espaço de diálogo, posicionamento e disputa de sentidos. Ao apropriar-se da linguagem nas interações sociais, o sujeito interpreta, responde e ressignifica os discursos do outro, realizando, assim, uma tomada de posição diante do mundo. Essa dinâmica dialógica constitui a base fundamental da formação subjetiva e social, pois é na interlocução contínua que o sujeito se constitui historicamente.

Nessa perspectiva, o sujeito é concebido como uma construção histórica e social, resultante de práticas discursivas que se materializam nas interações comunicativas mediadas pela linguagem. A constituição subjetiva não é, portanto, um dado natural, mas um processo contínuo de inscrição nas redes de sentido que atravessam o tecido social. Como afirma Faraco (2009, p.49), “todas as nossas relações com nossas condições de existência – como nosso ambiente natural e contextos sociais – só ocorrem semioticamente mediadas. Vivemos, de fato, num mundo de linguagens, signos e significações.”. A linguagem, nesse contexto, não apenas expressa o pensamento, mas o organiza, molda e torna possível a experiência humana no mundo. E, assim, a literatura apresenta um mundo possível organizado que media essa relação do sujeito com o mundo.

Por outro lado, a palavra está sempre situada historicamente e atravessada pelas disputas simbólicas dos sujeitos em interação. Como ressalta Faraco (2009, p.53):

Não há uma palavra que seja a primeira ou a última e não há limites para o contexto dialógico (ele se estira para um passado ilimitado e para um futuro ilimitado). Mesmo os sentidos passados, isto é, aqueles que nasceram no diálogo dos séculos passados, não podem nunca ser estabilizados (finalizados, encerrados de uma vez por todas) --- eles sempre se modificarão (serão renovados) no desenrolar subsequente e futuro do diálogo.

É notório que as palavras não surgem de forma isolada ou espontânea, mas carregam consigo uma historicidade, uma vez que já circulam no meio social desde

tempos remotos. Elas possibilitam o diálogo e sustentam as interações entre os sujeitos e os contextos em que estão inseridos. Assim, o sentido nunca é fixo ou individual, mas emerge do embate e da confluência de múltiplas vozes em constante movimento. Esse processo revela que a construção de significados está profundamente enraizada nas dimensões étnicas, sociais e históricas que constituem o ser humano.

Partindo desse pressuposto, em uma perspectiva sociocultural, a linguagem assume um papel central e estruturante no desenvolvimento humano, funcionando como a principal via de mediação entre o indivíduo e o meio social. Trata-se de um instrumento que não apenas organiza o pensamento e orienta a ação, mas que também se configura como fundamento da constituição subjetiva e do processo de aprendizagem. Para Vygotsky (Oliveira, 1997), é na primeira infância e nos primeiros anos da educação formal que os processos mentais superiores, como a linguagem, o pensamento e o comportamento cognitivo, emergem das interações sociais, evidenciando o caráter histórico-cultural da formação psíquica.

Ademais, conforme a perspectiva vygotskyana, que se coaduna com as ideias do Círculo Linguístico de Bakhtin apresentadas por Faraco (2009), a linguagem transcende sua função comunicativa, consolidando-se como um mecanismo de internalização das experiências sociais. Por meio dela, o sujeito apreende e elabora conceitos, o que implica dizer que o pensamento é modelado linguísticamente. Assim, a linguagem não apenas forma o sujeito enquanto agente autônomo e consciente de sua realidade, mas também é continuamente moldada pelas relações sociais nas quais esse sujeito se insere. Daí a importância da literatura infantil como mediadora da relação do sujeito com o mundo em que vive.

Outrossim, a criança com familiaridade com leitura literária demonstra maior capacidade de se identificar e se inserir nas histórias, o que valida os estudos sobre a importância da literatura infantil. Ao serem expostas a narrativas e poemas, as crianças são capazes de transcender o espaço físico e temporal, emergindo em mundos fictícios onde o imaginário é ativado, permitindo criar, elaborar situações e resolver conflitos de maneira criativa. Além disso, essa imersão frequentemente desencadeia o desejo de personificar e representar os personagens e suas ações, revelando o poder transformador da literatura na infância.

Dada a sua capacidade de proporcionar contribuições, é possível afirmar que a literatura assume um papel primordial indispensável, especialmente no âmbito educacional. Como diz Cândido (2011, p.175):

Na nossa sociedade a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática.

Assim visto por esse lado, a inserção da literatura no currículo escolar confere à instituição educativa um papel central na promoção e no fortalecimento das práticas leitoras no ambiente da sala de aula. Mais do que ensinar a decodificação mecânica de signos linguísticos, trata-se de formar leitores, capazes de construir sentidos, interpretar criticamente os textos e interagir de maneira reflexiva com os conteúdos literários.

Colomer (2002, p. 70), por sua vez, afirma que “o progresso do leitor ocorre então a partir de uma leitura baseada nos elementos internos do enunciado, em direção a uma leitura mais interpretativa que utiliza sua capacidade de raciocinar para suscitar significados implícitos, segundos sentidos ou símbolos que leitor deve fazer emergir”. Em outras palavras, é necessário que a criança seja motivada naturalmente por meio de prática pedagógica eficaz, que desperte sua curiosidade e seu interesse pelo aprendizado, de modo que hábitos de leitura sejam estimulados e consolidados. Essa perspectiva evidencia a importância e a responsabilidade do contexto educacional em relação a essa prática.

Santos e Saito (2020, p.217) destacam as práticas no espaço educacional:

Compreende-se que o trabalho com a leitura e a literatura não deve ser desenvolvido de qualquer forma, apenas para preencher lacunas na rotina das crianças ou como pretexto para o desenvolvimento de outras atividades, uma vez que a leitura envolve diversos fatores que são essenciais para a formação do ser humano e deve ser trabalhada da maneira mais adequada possível.

Nesse contexto, a escola assume a responsabilidade de formar leitores, apresentando textos literários de maneira instigante, envolvente e motivadora. No entanto, a forma como a literatura é apresentada no espaço educacional é fundamental

para construir hábitos de leitura, podendo influenciar positiva ou negativamente o gosto pela leitura.

A proposta pedagógica, portanto, deve ir além da instrumentalização da leitura, priorizando a formação de sujeitos autônomos, críticos e sensíveis às múltiplas dimensões da linguagem. Ao acessar a literatura de forma significativa, os estudantes são instigados a analisar os textos sob diferentes ângulos, a articular suas leituras com experiências pessoais e sociais e a elaborar interpretações que ampliem sua compreensão de mundo, contribuindo, assim, para a consolidação de uma postura ativa e emancipadora diante do conhecimento.

Sendo assim, tais dimensões citadas norteiam a importância da literatura infantil na vida das crianças, especialmente quando há um vínculo afetivo estabelecido entre docente e discente, considerando os fortalecimentos corporais e emocionais, como a autoestima da criança.

1.2 Autoestima e infância

Guilhardi (2002, p.7) destaca que a “autoestima é um sentimento; que a criança não nasce com autoestima, mas que tal sentimento pode ser desenvolvido durante a vida da pessoa”, caracterizada como um “[...]produto de contingências reforçamento positivo de origem social.”. Em outras palavras, a autoestima é concebida como a combinação entre o sentimento de competência e o sentimento de valor pessoal, constituindo um dos pilares fundamentais da formação subjetiva do ser humano.

Com relação aos apontamentos de Frada e Neves (2017, p.3), a

Autoestima é educável, [...] embora esta, desde o nascimento esteja naturalmente receptiva aos estímulos que podem conduzir à valorização da autoestima ou à sua desvalorização. E revela-se sobretudo como sustentáculo de autoconfiança, fundamental para o relacionamento com os outros, para traçar objetivos cada vez mais desafiantes e ter capacidade para os prosseguir, para ser capaz de se dar aos outros e, dessa dádiva, obter a sua própria realização.

Nesse viés, no contexto da infância, essa construção assume um caráter ainda mais delicado. A criança, enquanto estiver em desenvolvimento, formam sua identidade e autopercepção a partir da ótica dos familiares, educadores, instituições e comunidades,

garantindo as condições concretas para que ela seja reconhecida como competente e merecedora de felicidade. Não se trata apenas de proteger a infância, mas de assegurar que nela floresça uma subjetividade que se perceba digna, amada e capaz. Além disso, quando é submetida a exigências desproporcionais à sua maturidade, ignorando-se suas necessidades emocionais e cognitivas, instala-se um processo de desvalorização subjetiva.

Em sua teoria, Henri Wallon convoca uma compreensão da criança em sua totalidade, considerando-a como um ser indissociável em suas dimensões afetiva, cognitiva e social. Nessa perspectiva integral, reconhece a complexidade e a interdependência que constituem o desenvolvimento humano. Como afirma Galvão (1995, p. 20), “o homem é determinado fisiológica e socialmente, sujeito, portanto, a uma dupla história, a de suas disposições internas e a das situações exteriores que encontra ao longo de sua existência”. Nesse sentido, torna-se imperativo que o educador detenha um conhecimento profundo e multidimensional do processo de desenvolvimento infantil, compreendendo suas especificidades para que possa planejar e implementar práticas pedagógicas que sejam efetivamente significativas, respeitando a faixa etária e as necessidades subjetivas da criança.

Além disso, é indiscutível que a construção da autoestima infantil emerge das experiências cotidianas, sendo fortemente marcada pela afetividade e pelas interações sociais. A atuação sensível e intencional do professor desempenha papel central nesse processo, uma vez que, ao promover um ambiente afetivo e dialógico, oportuniza à criança o desenvolvimento de competências socioemocionais fundamentais, como a capacidade de reconhecer e expressar sentimentos, adotar diferentes perspectivas, refletir criticamente sobre situações vivenciadas e internalizar normas de convivência. No entanto, as habilidades são pilares para a formação de uma autoestima sólida e saudável.

Galvão (1995, p. 57) complementa ao afirmar que “a emoção encontra-se na origem da consciência, operando a passagem do mundo orgânico para o social, do plano fisiológico para o psíquico”. Nesse ponto de vista, as emoções não devem ser negligenciadas no cotidiano escolar, pois se configuram como atitudes que organizam a percepção e direcionam o comportamento. Reconhecer que a construção da autoestima infantil não ocorre de maneira espontânea possibilita que ambientes afetivos sejam

seguros, com interações respeitosas e oportunidades para que as crianças se sintam eficazes e valorizadas.

Diante do exposto, evidencia-se que compreender a construção da autoestima, sobretudo no contexto do desenvolvimento infantil, exige do meio social e educacional uma escuta sensível e atenta às manifestações emocionais, cognitivas e sociais da criança, reconhecendo nelas a complexa e indissociável trama que constitui o ser humano em processo de formação. Esse processo não se resume à valorização de aspectos individuais, mas envolve também o reconhecimento do outro, a valorização das diferenças e a construção de relações de respeito. E esse resultado advém das interações cotidianas que a criança estabelece em casa, na escola e em outros espaços sociais.

2. METODOLOGIA

Nesta etapa, apresenta-se o tipo de pesquisa adotado neste trabalho, definido como qualitativo, de caráter exploratório, considerando-se o método de construção fundamentado no estudo bibliográfico. Ademais, descrevem-se o instrumento e a técnica utilizados, bem como os procedimentos de análise e discussão dos resultados da pesquisa.

2.1 Tipo de pesquisa

Para a execução deste trabalho, adota-se a técnica de estudo bibliográfico, conforme destaca Gil (2008, p.50): “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de materiais já elaborados, constituídos principalmente de livros e artigos científicos”. Por meio dessa abordagem, objetiva-se possibilitar a construção de uma análise fundamentada, culminando no que o autor define como “ponto terminal da pesquisa” (Gil, 2008, p.183). O propósito não é apenas reproduzir o que já foi produzido, mas desenvolver uma análise crítica a partir de uma nova perspectiva.

Além disso, a pesquisa delineada segue os princípios da pesquisa exploratória, a qual, segundo Gil (2008, p. 27), “tem como finalidade, desenvolver, esclarecer, modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipótese pesquisáveis para estudos posteriores”.

Assim, a construção da pesquisa segue as etapas estabelecidas por Gil (2008) no que se refere à pesquisa bibliográfica, as quais compreendem: a escolha do tema, o

levantamento bibliográfico preliminar, a busca por fontes consistentes, a elaboração de fichamentos e, por fim, a organização e a estruturação lógica do conteúdo abordado.

As seções a seguir abordam as categorias escolhidas para este trabalho, bem como a análise das obras infantis.

2.2 Análise e discussão dos dados da pesquisa

Nesta seção, apresentam-se as categorias de análise das obras de literatura infantil que compõem o *corpus* analítico no que concerne à temática da construção e do fortalecimento da autoestima na infância. Considera-se que os enredos narrativos, ainda que ambientados no universo da fantasia, exercem um papel significativo no desenvolvimento emocional e identitário da criança. Por meio dessas narrativas, torna-se possível abordar, de forma simbólica e acessível, valores, sentimentos e experiências que contribuem para a formação de uma autoestima positiva e para o reconhecimento de si como sujeito de valor.

Para isso, serão analisadas as seguintes categorias narrativas: o narrador, as personagens, o enredo e a ilustração.

Na obra *Dicionário de Teoria Narrativas*, os autores Reis e Lopes (1988, p.61) definem a categoria do narrador como:

A definição do conceito do narrador deve partir da distinção inequívoca relativamente ao conceito de autor (v.), entidade não raro sustentável de ser confundida com aquele, mas realmente dotada de diferente estatuto ontológico e funcional. Se o autor corresponde a uma entidade real e empírica, o narrador será entendido fundamentalmente como o autor textual, entidade fictícia a quem, no cenário da ficção, cabe a tarefa de enunciar o discurso (v.), como protagonista da comunicação.

Nesse sentido, os autores deixam evidente que o narrador não pode ser confundido com o autor, sendo responsável por enunciar a narrativa. Com base nisso, os autores Reis e Lopes (1988, p.63) determinam sua função:

A voz do narrador, ao revelar-se de uma determinada instância de enunciação do discurso, traduz-se em opções bem definidas: situação narrativas adotada (v. narrador autodiegético, homodiegético e

heterodiegético), nível narrativo (v.) em que se coloca, etc. A partir destes condicionamentos de narração, o narrador configura o universo diegético que modeliza (v. modelização), pela peculiar utilização que faz de signos e códigos narrativos: organização do tempo (v.), regimes de focalização (v.) privilegiados, etc.

Já na categoria personagem, Reis e Lopes (1988, p.64) caracterizam: “Categoria fundamental das narrativas, a personagem evidência a sua relevância em relatos de diversa inserção sociocultural e de variados suportes expressivos.” Além disso, para o narrador, o personagem ocupa o papel de herói principal e ocupa o lugar de honra. Os autores ainda completam com elementos que permitem identificar o personagem nas narrativas (1988, p.217): “o nome próprio, a caracterização, o discurso da personagem (v. estes termos) são alguns desses processos, conduzindo à representação de sentidos fundamentais capazes de configurarem uma semântica da personagem”.

Para a categoria enredo, Reis e Lopes (1988, p.211) definem-na como: “a intriga corresponde a um plano de organização macroestrutural do texto narrativo e caracteriza-se pela apresentação dos eventos segundo determinadas estratégias discursivas já especificamente literárias”. Além disso, em outras palavras, o enredo consiste na sequência lógica das ações da narrativa, cujo encadeamento necessita de ser compreendido pelo leitor, a fim de elaborar sentidos.

Por fim, no que se refere à caracterização da categoria ilustração, Silva (2017, p.135) explica que

Os livros destinados ao público infantil condensam, comumente, a articulação entre dois elementos: o texto escrito e a imagem visual. Essa articulação, quando equilibrada, promove o uso coerente das funções de cada uma dessas linguagens. Guardadas as devidas funções, o texto e a imagem podem dialogar e construir outros significados, que sugerem o próprio jogo polissêmico da leitura.

Nessa perspectiva, Camargo (1995, s. n.) afirma que

Ilustração é uma imagem que acompanha um texto. A imagem pode: 1) imitar a aparência visual de um objeto – por exemplo, uma pintura representando uma cadeira; 2) apresentar uma relação de causa e efeito com o objeto que representa – por exemplo, as marcas, em um tapete, das pernas de uma cadeira, que indica que ali havia uma cadeira; 3) ter significados convencionais, isto é, estabelecidos culturalmente, por convenção – por exemplo, a cadeira utilizada por bispos em audiências oficiais, que simboliza autoridade eclesiástica. Por isso, a imagem tem algo de ícone (1), de índice (2) e de símbolo.

Em paralelo, Pontes e Betta (2020, p.130) destacam a necessidade desses saberes para o docente:

Para um trabalho efetivo, é necessário que o professor explore a percepção dos leitores e os incentive a analisar não apenas o texto verbal, mas também analisar os paratextos e as imagens que compõem o livro, tais como: capa, guarda, ilustração, folha de rosto e contracapa. Para isso, é de fundamental importância um olhar continuado de formação do leitor literário, que se sobreponha às atividades isoladas e estanques com o livro na sala de aula.

Na seleção de obras literárias para crianças, permeiam critérios inegociáveis que asseguram a articulação entre os conteúdos narrativos e o desenvolvimento da criança. A literatura, nesse contexto, por sua capacidade de adentrar o universo imaginário da criança, não apenas estimula a criatividade, mas também favorece o amadurecimento emocional e intelectual. É por meio dessa imersão simbólica, quando texto e imagem se entrelaçam, que a criança é conduzida a uma experiência significativa e interativa com a linguagem literária, promovendo, assim, uma aprendizagem sensível, crítica e transformadora.

Bunzen (2020, p. 5) destaca critérios que devem ser considerados na escolha de uma boa obra:

Por outro lado, há várias obras literárias que podem ser lidas por crianças, por jovens e adultos que contêm qualidades estéticas (jogos de linguagem, riqueza de vocabulário, uso de diferentes figuras de linguagem, estilo particular de autor, ilustrações com diferentes técnicas, design diferenciados, paratextos dialógicos etc.). No caso dos livros literários para crianças, a ilustração e o texto verbal são muito importantes. Desta forma, um bom texto literário comprehende desde o material utilizado para construção do livro (papel, cartão, plástico, tecido) até a forma como a linguagem verbo-visual é explorada pelos autores e ilustradores.

Nesse sentido, fica evidente que a riqueza das ilustrações nas obras literárias reside em sua capacidade de provocar o conhecimento, a emoção ou o reconhecimento de elementos e seres do cotidiano infantil. Esse tipo de interação favorece a familiarização da criança com representações visuais que, ao serem associadas ao texto verbal, contribuem para a identificação e a interpretação do mundo por meio da percepção visual.

Diante o exposto, nota-se que as categorias analisadas desempenham um papel singular. Narrador, personagem, enredo e ilustração constituem-se como elementos essenciais para a construção de sentidos nas obras da literatura infantil, articulando-se de maneira a favorecer a provocar efeitos estéticos no leitor.

A seguir, veremos no próximo capítulo a análise específica das obras selecionadas no *corpus*, detalhando cada categoria quanto à composição narrativa e a abordagem do enredo no sentido de possivelmente contribuir para a construção da autoestima da criança, quando ocorre a identificação do leitor com os protagonistas.

3. ENTRE PALAVRAS E IMAGENS: O CULTIVO DA AUTOESTIMA

Neste capítulo, apresentam-se as obras infantis selecionadas para análise, sendo elas: *As tranças de Bintou*, *Amoras e Elmer – o elefante xadrez*. Pretende-se analisar cada obra literária detalhadamente e compreender de que maneira elementos narrativos se articulam para promover experiências significativas de leitura.

A escolha das obras literárias justifica-se pela relevância de suas temáticas no que se refere à construção e ao fortalecimento da autoestima infantil. Cada narrativa apresenta protagonistas que vivenciam experiências de aceitação, pertencimento e valorização de suas identidades, possibilitando reflexões significativas. Assim, mais do que simples narrativas, elas se tornam importantes ferramentas de formação, convidando a criança a olhar para si com afeto e a compreender as diferenças.

3.1 Autoestima em *As Tranças de Bintou*

Nesta etapa, aborda-se a obra *As tranças de Bintou*, da autora Silvyane Diouf, com foco na forma como a narrativa aborda a autoestima da protagonista.

A obra *As Tranças de Bintou*, de Sylviane Anna Diouf, narra a história de uma menina chamada Bintou, que, por usar birotes nos cabelos, sonha em usar tranças como as mulheres adultas de sua aldeia. A narrativa não apenas acompanha o desejo da

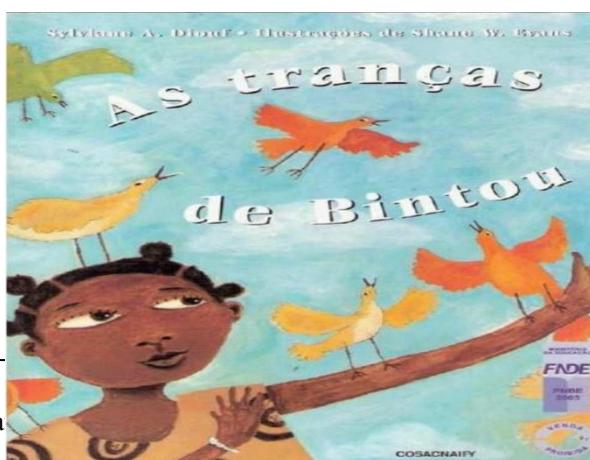
personagem, mas também evidencia elementos significativos da cultura local. São retratados, por exemplo, o batizado do irmão recém-nascido, o ritual de escolha do nome, o respeito e a valorização dos mais velhos, a culinária típica presente nas celebrações, as vestimentas tradicionais, entre outros aspectos que compõem o cotidiano e as tradições da comunidade em que vive.

A estudiosa Sylviane Anna Diouf é reconhecida e premiada por suas obras de grande realce. Por estar em constantes pesquisas sobre a cultura africana, compartilhar a riqueza dos seus conhecimentos com as crianças do mundo, dedicando-se a redigir obras infantis.

A obra *As tranças de Bintou* é considerada uns dos maiores sucessos nos catálogos infantil e juvenil no Brasil. A protagonista da história é quem faz a narrativa definindo-se como narradora homodiegética, pois Bintou narra a história em primeira pessoa. Já a irmã Fatu e sua avó, desempenham papéis muito importantes para a trama, na medida em que auxiliam Bintou a compreender os costumes de sua comunidade.

Além disso, como mencionado, a ilustração é muito importante para o aprendizado das crianças. No caso específico da obra em questão, a ilustração de autoria Shane W. Evans apresenta o uso expressivo das cores em tonalidades amarelas, que compõem a figura de uma menina negra rodeada por pequenos pássaros, cujas cores harmonizam com sua vestimenta, gerando impactos positivos e curiosidades no leitor. A autora Sylviane, por meio desta obra, promove uma reflexão sobre as diferenças raciais, pois a própria ilustração demonstra o enfraquecimento dos estereótipos e a valorização da identidade negra.

Figura 1: Capa da obra¹



¹ Todas as imagens deste trabalho são de autoria da ilustradora Shane W. Evans.

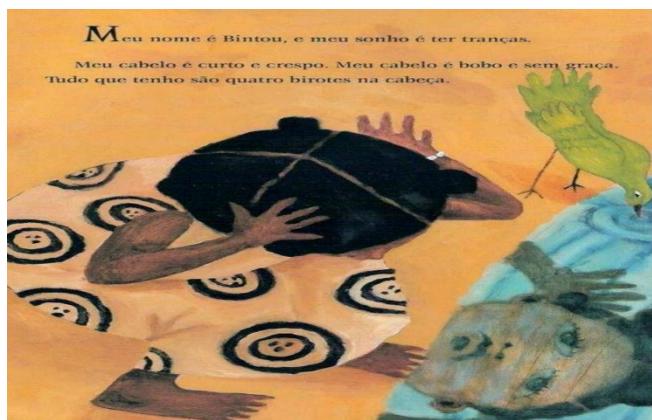
A. *As tranças de Bintou*. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

A obra é ricamente ilustrada e, em estreita articulação com o texto verbal, capta e mantém a atenção do leitor do início ao fim. De acordo com as autoras Lajolo e Zilberman (2017, p.132)

Em produtos impressos, a criatividade é então desafiada: de uma parte, é estimulada a importar técnicas e processos iniciais no mundo do livro, porque provêm de outros suportes. De outra, induz o artista a continuar inovando, além de colocá-lo em posição autoral, já que o desenho, o traço, a cor, passam a desempenhar as funções da escrita e da expressão verbal.

A personagem central é uma menina negra insatisfeita com os seus birotes no cabelo e que sonha em ter tranças. Na cena da Figura 2, Bintou olha seu reflexo na água, que faz o papel de espelho, sendo que a imagem é vista de cima, de modo que o leitor pode visualizar o rosto da personagem com o semblante triste e com as mãos sobre a cabeça, com um pássaro verde ao lado. A ilustração revela, pois, de forma sensível e simbólica a baixa autoestima da protagonista Bintou em relação aos seus cabelos. O que é expresso pela seguinte fala: “Meu cabelo é bobo e sem graça”.

Figura 2: Reflexo na água

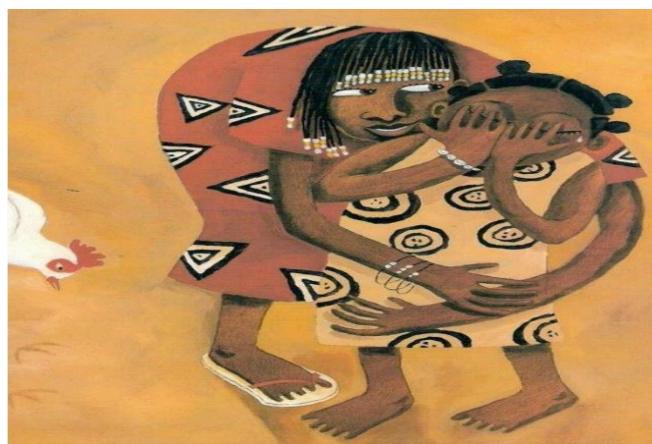


A personagem demonstra internalizar padrões estéticos socialmente valorizados ao considerar-se somente bela se possuir tranças semelhantes às de sua irmã e das mulheres adultas de sua aldeia. Nessa perspectiva, a representação evidencia os

impactos do padrão social da beleza na construção da identidade e da autoestima infantil.

Na cena em que Bintou chora ao lado de sua irmã mais velha, Fatou revela ser a primeira pessoa a perceber a tristeza da menina. Ao questionar a razão do choro e ouvir dela o desejo de se sentir bonita, Fatou limita-se a afirmar que meninas não usam tranças, sem oferecer qualquer explicação. Isso só intensifica o sentimento de frustração de Bintou, que expressa sua insatisfação diante da repetição constante dos birotos em seus cabelos. Em contraste, a avó Soukey, figura dotada de sabedoria, adota uma postura acolhedora e educativa, por meio de um relato sensível sobre uma menina chamada Coumba, cuja “vaidade excessiva a tornou egoísta e superficial” (Diouf, 2005, s.p.). A avó busca ensinar a importância da paciência, do amadurecimento e do autoconhecimento. Ela aconselha Bintou a respeitar o tempo das coisas, indicando que, quando chegar o momento certo, ela se tornará uma mulher bela e poderá vivenciar a vaidade com equilíbrio e consciência.

Figura 3: Bintou chorando ao lado da irmã



Nessa perspectiva, a obra revela uma ótica sensível e genuína, característica do universo infantil. Na cena, ao lado de passarinhos, que se tornam um ponto de refúgio, cria esperança e sonha ter longas tranças, revelando uma tensão entre a individualidade e as normas culturais que regem a sua comunidade. De acordo com a tradição, as meninas mais novas devem usar birotos, o que impede a realização de seu desejo.

Por outro lado, em outra cena, a personagem observa, durante o dia, por trás da mangueira, as mulheres e familiares da comunidade admirando as belas tranças das mulheres. Dessa forma, a admiração constante da personagem reflete os sonhos repetidos ao dormir, quando a menina sonha com um cabelo belo, rodeada de passarinhos azuis e amarelos.

Bintou, sempre cheia de imaginação e sonhadora, em umas das cenas, caminha nas areias da praia e se depara com dois garotos gritando e se afogando. Com iniciativa e coragem, corre, enfrentando os obstáculos, para chamar os pescadores na aldeia, a fim de salvar os dois garotos. O seu ato de coragem não foi apenas reconhecido, mas celebrado e aplaudido por toda a comunidade. E como recompensa, ela deseja tranças. No entanto, em seu reconhecimento de valor, sua querida avó diz (Diouf, 2005, s. p.): “Você é uma menina muito especial, sussurra. Seu cabelo será tão especial quanto você”. E a presenteia, não com as tão almejadas tranças, mas delicadas figuras de pequenos pássaros amarelos e azuis com as quais enfeita seus birotes. Esse gesto, ainda que diferente do idealizado por Bintou, suscitou imensa alegria e fortaleceu profundamente sua autoestima. Assim, o que antes era um fato de baixa autoestima, devido ao confronto com as convenções tradicionais, passa a ser reconfigurado por esse símbolo de afeto: não se tratava da visão de igualdade com as mulheres mais velhas da comunidade, mas sim do entendimento da tradição e do reconhecimento da beleza dos birotes, o que promoveu a aceitação de si.

Figura 4: Celebrado com a comunidade

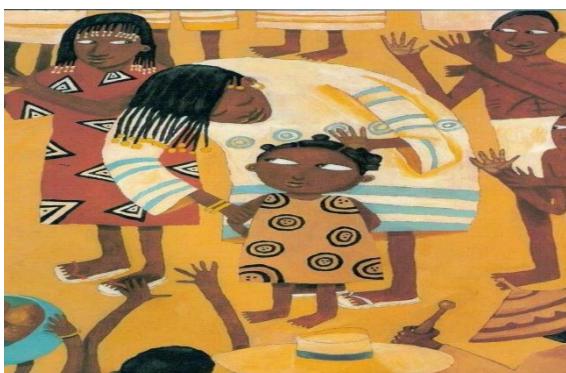
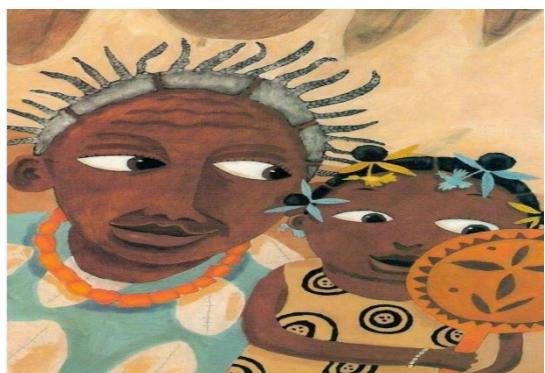
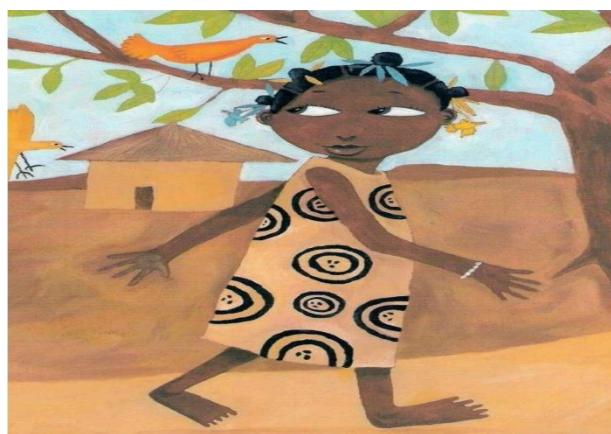


Figura 5: A menina e sua avó



E foi justamente esse reconhecimento materializado em um enfeite diferenciado que catalisou a autoestima positiva e o fortalecimento de sua identidade. Na ilustração final do livro, o leitor vê a menina Bintou com o andar ereto, caminhando pela aldeia, com olhar feliz.

Figura 6: Bintou feliz



3.2 A beleza própria como fortalecimento da autoestima em *Amoras*

Neste subcapítulo, analisamos outra obra importante no tratamento da autoestima de crianças, que é *Amoras*, do autor Emicida.

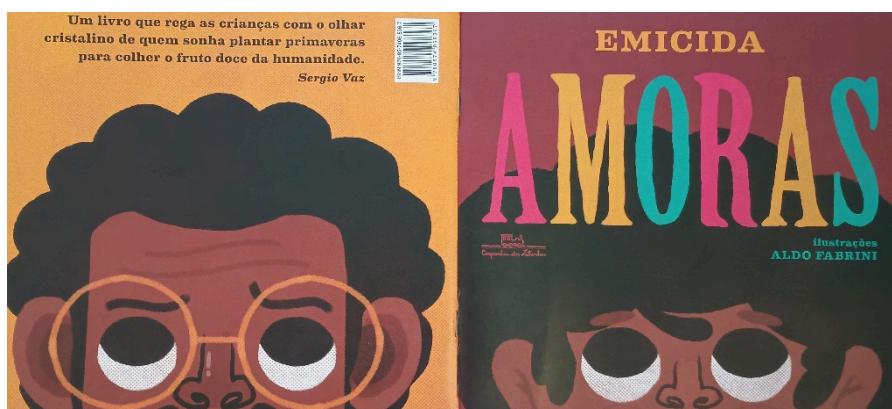
O autor Leandro Roque de Oliveira – mais conhecido como Emicida – encontrou no rap e na cultura Hip Hop um meio para contar histórias a partir de seu ponto de vista. Emicida se reconhece como contador de histórias, permitindo, por meio de palavras positivas e doces, que as crianças se reconheçam positivamente como elas são. A obra *Amoras* (2018), ilustrada por Aldo Fabrini, foi criada com base na música *Amoras* e, após uma breve conversa com sua filha, transformou-se numa poética história. O narrador da história se configura com autodiegético de acordo com Reis e Lopes (2018), pois o narrador narra a história a partir do seu ponto de vista e participa da história como um personagem.

O enredo de *Amoras* narra a história de uma menina negra que colhe amoras, trazendo a beleza dessa fruta como metáfora para a representação de uma infância

positiva. Além disso, apresenta referências de personalidades negras importantes ao longo da história, como Martin Luther King e Zumbi dos Palmares, entre outros.

A obra é ilustrada por Aldo Fabrini. As cores são marcantes nos tons marrom, amarelo, verde, vermelho e preto, compondo, na capa e na contracapa, a imagem de uma criança e de um homem adulto, ambos com o olhar fixo para o alto. Todavia, a representação pode provocar inquietações quanto à identidade de gênero da criança: trata-se de uma menina ou um menino? Pode-se inferir que essa indefinição pode ter o intuito de angariar a identificação das crianças, independentemente do gênero. A obra convoca a uma reflexão sobre a representatividade e autoestima das crianças.

Figura 7: Capa e contra capa²



O autor, que também se insere como personagem da narrativa, valoriza os pensamentos e dá sentido ao discurso da criança, ou seja, ao indicar uma menina negra como personagem da história. Na cena, apresenta uma menina ereta e parada com vestimenta de camisa vermelha, short marrom, meias brancas com duas listras vermelho e azul e nos pés sapatos pretos. Seu olhar fixo direcionado para frente, enquanto em seus cabelos negros expande o arco-íris. Demonstra a potência da imaginação das crianças, construtoras ideias criativas e livres igual o arco-íris.

Figura 8: Amora pensando

² Todas as imagens deste subcapítulo foram retiradas da obra, **EMICIDA. Amoras.** Ilustrações: Aldo Fabrini. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2018.



Além disso, em outra cena, o autor compara os pensamentos da menina, impregnados de pureza e profundidade com a sabedoria de “Obatalá, o orixá”, e criador do mundo de acordo com a cultura africana (Emicida, 2018, s. p.), com a representação da figura de um homem negro com coroa alaranjada, barba e cabelos brancos, com trajes da mesma cor, sentado de olhos fechados sobre as nuvens. Em outra cena, traz a figura de um elefante cor de rosa que também é Deus da cultura indiana, compondo o dito que “Deus mora no brilho dos da gente” (Emicida, 2018, s.p.). As cenas celebram a diversidade cultural e representam figuras religiosas importantes.

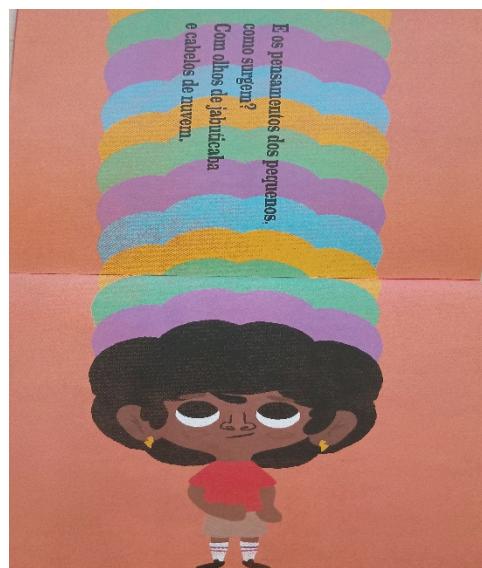
Figura 9: Obatalá e Ganesha



Por outro lado, Emicida, no decorrer da narrativa demonstra aspectos constitutivos da primeira infância. Na cena, um bebê negro conectado ao cordão umbilical da mãe, que chora ao nascer, que é resultado do afastamento do bebê com Deus, denominado Alá, tradição dos muçulmanos. Assim, as referências citadas reforçam a valorização da diversidade cultural ao reconhecer distintas formas de nomear a divindade, ressaltando a pluralidade religiosa.

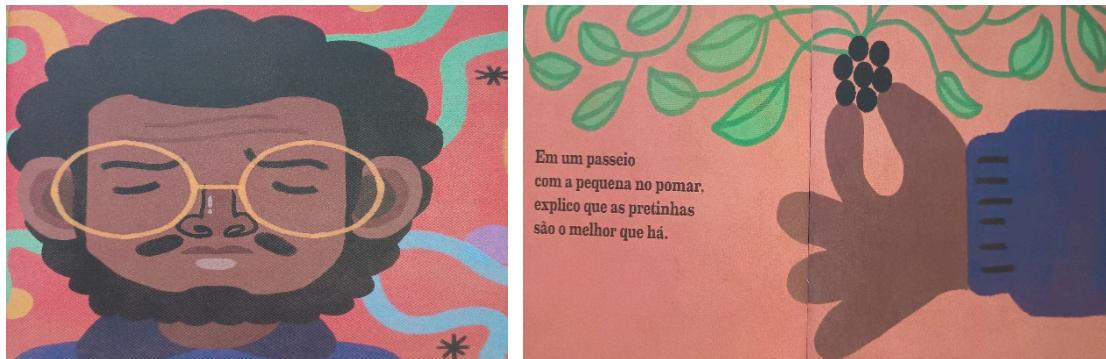
Em outra cena, a menina está parada com o olhar voltado para o alto. O autor compara os olhos da menina com a fruta jabuticaba e seus cabelos de nuvens, compondo uma imagem poética, que revela o quanto longe a imaginação da criança pode ir. Nesse sentido, Emicida deixa claro que as crianças têm bagagem cultural para organizar suas ideias e construir autonomia, concepções que ultrapassam a expectativa dos adultos. A imagem da menina negra com os cabelos altos e com referência aos olhos de jabuticaba valoriza o fenótipo afro-descendente.

Figura 10: Amora com cabelo de nuvens



O próprio Emicida aparece como personagem usando óculos amarelos e com olhos fechados, testa franzida, representando a figura paterna da personagem principal. Além disso, a cena reforça a relação da filha com a figura paterna, que tem o papel ensinar, mas que também aprende com os pequenos. O pai Emicida e a menina passeiam para colher amoras, quando ele explica que a fruta quando está madura adquire uma cor escura e “quanto mais escuras, mais doces” (Emicida, 2018, s.p.).

Figura 11: Emicida colhendo amoras



Em seguida, o autor retrata três figuras masculinas negras que simbolizam representatividade afro-descendente: o pastor e pacifista Martin Luther King e Zumbi dos Palmares.

Em outra cena, o autor retrata com a mesma figura do rosto masculino da contracapa, porém, desta vez, com o arco-íris ressoando pelos seus ouvidos e o olhar voltado para a amora que está acima. A menina começa a conhecer o mundo e afirma sua identidade negra ao falar: “Papai, que bom, porque eu sou pretinha também!” (Emicida, 2018, s. p.). A cena representa a elevação da autoestima da criança, que associa a sua cor à docura e à tonalidade das amoras. Para o pai, o momento é um privilégio, motivo de orgulho, pois contribuiu de modo afetivo para a identificação identitária da menina, por meio de palavras doces e poéticas.

Figura 12, 13 e 14: Pai e filha





Assim, a partir das palavras direcionadas durante a conversa, a menina conseguiu estabelecer associação e, assim, fortalecer sua autoestima ao afirmar: “porque eu sou pretinha também”. Essa passagem revela a força da literatura infantil como mediadora de reflexões, possibilitando que a criança se reconheça de forma positiva em sua própria cultura e beleza.

No próximo subcapítulo, analisa-se a última obra abordada neste estudo.

3.3 Autoestima e reconhecimento de si em *Elmer - O Elefante Xadrez*

Por fim, analisamos o tratamento dos aspectos sensíveis da autoestima na obra *Elmer - o elefante xadrez*, da autoria de David John McKee.

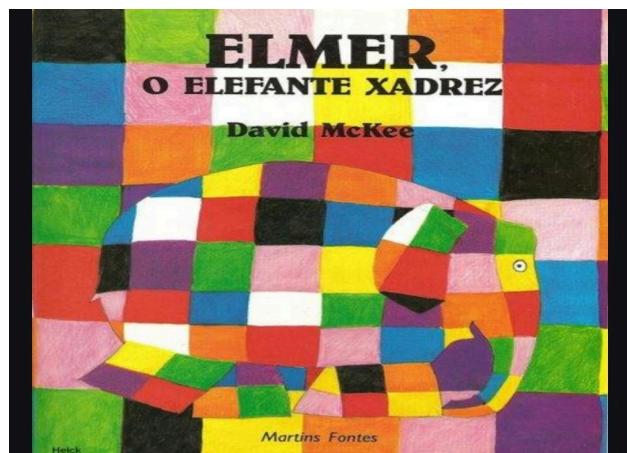
Inglês David John McKee foi autor e ilustrador com grandes contribuições no campo da ilustração de obras da literatura infantil, chegando a ser indicado ao Prêmio Internacional Bienal Hans Christian Andersen em 2006. A série Elmer conta com mais de 20 títulos publicados e mais de 8 milhões de exemplares vendidos em todo o mundo.

O narrador da obra Elmer não participa da história, de forma que narra a história na terceira pessoa, observando e relatando os acontecimentos, ou seja, configura-se como narrador heterodiegético, segundo Reis e Lopes (2018).

O enredo de *Elmer - o elefante xadrez* conta a história do elefante colorido que vive em uma manada com outros elefantes cinzas. O personagem principal é sempre alegre e brincalhão com a manada, sendo reconhecido em toda floresta por essa característica. Sendo assim, mesmo todos gostando da sua companhia, o elefante diferente quer ser igual aos outros elefantes, por isso tenta mudar suas características.

A capa é fartamente ilustrada com as doze cores típicas de uma caixa de lápis tradicional, antecipando a riqueza da história. Sobre um fundo xadrez, o elefante xadrez caminha, sendo camuflado pela coloração, e as cores atrativas geram curiosidade ao leitor. O autor McKee, por meio da obra, traz uma reflexão sobre diversidade e inclusão, com respeito às diferenças individuais.

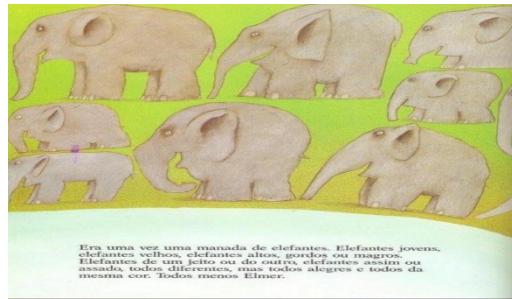
Figura 15: Capa da obra³



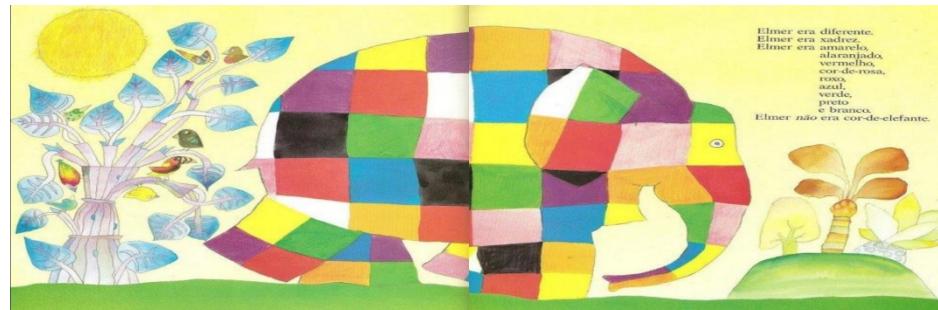
Na cena da imagem a seguir, o autor inicia a narrativa apresentando filas de elefantes todos voltados em direção ao lado esquerdo, descrevendo as diversas características da manada de elefantes (McKee, 1998 s. p.): “Elefantes jovens, velhos, baixos, alto, magro ou gordo”. Evidencia, de um lado, a pluralidade e a felicidade decorrente dessa diversidade, destacando elefantes de todos os tipos. De outro, compõem uma única cor o “cinza”, sendo que também se movem na mesma direção, demonstrando uma homogeneidade. Menos Elmer. O autor quebra a padronização da cor dos elefantes ao eleger o personagem principal: um elefante xadrez.

Figura 16: Manada de elefantes

³ Todas as imagens deste subcapítulo foram retiradas da obra MCKEE, David. **Elmer, o elefante xadrez**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1998.



Figuras 17: Elmer



Em outra cena, mostra um grupo de elefantes brincando e felizes, elevando Elmer para o alto. Elmer, o elefante diferente, com suas cores vibrantes e sua autoestima elevada, tentava de um jeito ou de outro sair da zona de conforto para arrancar sorrisos dos demais elefantes, através de brincadeiras e peças que faziam entre si. Estar perto do elefante Elmer era sempre motivo de alegria e diversão.

Figura 18: Elefantes brincando



Nesse sentido, Elmer era muito feliz com a manada de elefantes, porém incomodava-o com uma coloração distinta em relação aos demais. O personagem não sabia como resolver isso, de modo que parte em busca de uma solução enquanto os outros elefantes dormem, com inquietações recorrentes: (McKee, 1998, s.p.) “Onde já se viu um elefante xadrez?”. Na cena, Elmer caminha na floresta e encontra o tigre, o leão, o hipopótamo, a girafa, o jacaré, a tartaruga e a zebra - todos o reconhecem e chamam-no pelo nome “Elmer”, em virtude de sua coloração xadrez. Depois de tanto caminhar pela floresta, encontra um grande arbusto com frutinhas com cor semelhante aos elefantes da manada, o que oferece a Elmer a oportunidade de alterar sua aparência temporariamente e ficar da mesma cor da manada.

Figura 19: Elmer fugindo
floresta

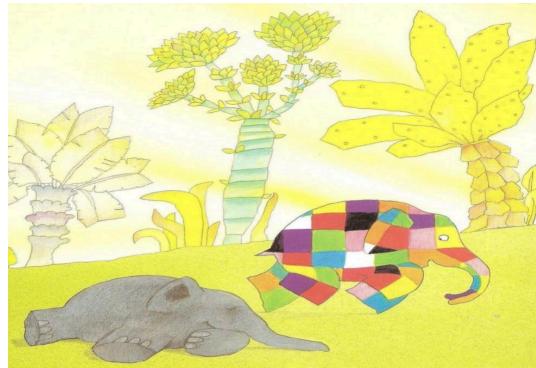
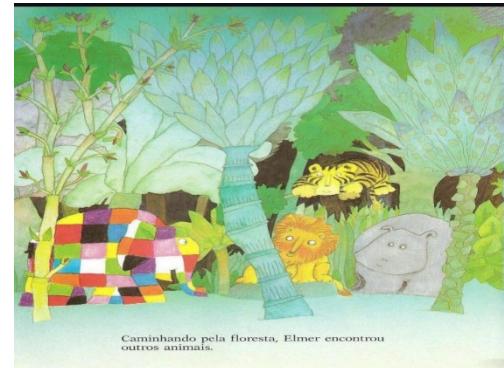


Figura 20: Encontro com os animais da



Figuras 21 e 22: Encontro com o arbusto



Após, ao retornar, no caminho encontra novamente os animais da floresta, porém dessa vez eles não reconhecem Elmer devido a sua nova cor, acreditando que é só mais um elefante comum. Elmer não revela sua identidade aos animais, continuando seu trajeto, até que encontra sua manada de elefantes. Elmer encontra todos os elefantes parados e quietos formando um grande grupo, estranhando o comportamento e tudo à sua volta. Por ele ser o mais interativo, decide dar um grande susto na manada, elevando a sua tromba com um grande grito “Booo!”. Na cena, os elefantes ficam muito surpresos e com medo, dão pulos e caem no chão. Enquanto isso, Elmer está dando grande gargalhadas com a situação e sintoniza o seu riso com os demais a sua volta, tornando o momento feliz e descontraído.

De repente, surge uma grande tempestade removendo toda coloração cinza adquirida, revelando a sua verdadeira identidade. Os elefantes felizes com o momento, longe de provocar rejeição, celebram a diferença criando o “Dia de Elmer”, sendo que todos os anos nessa data fazem um grande desfile de diferentes pinturas. Assim, promovem a alegria e elevam a autoestima de Elmer. Na ilustração, há vários elefantes felizes com diferentes pinturas e estampas, brincando, dançando, tocando instrumentos musicais, sublinhando a harmonia.

Figura 23: Remoção da pintura do elefante Elmer

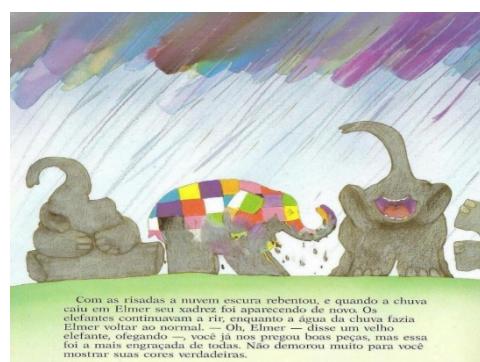
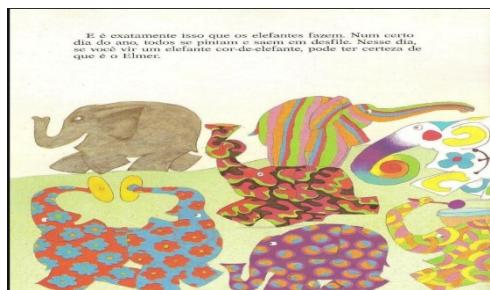


Figura 24 e 25: Desfile dos elefantes



No entanto, a pintura simbólica do protagonista não apenas elevou a sua própria autoestima, mas também de toda a manada, revelando que sua conquista teve um impacto coletivo ao fortalecer a autoestima de todos os elefantes.

3.4 Bintou, Amora e Elmer

Sendo assim, as três obras podem contribuir para o desenvolvimento de uma autoestima saudável junto às crianças e aos leitores em geral, por meio da transmissão de mensagens positivas, a partir da identificação dos receptores com os protagonistas. As narrativas Bintou e Elmer enfrentam desafios relacionados à sua autoimagem, porém encontram caminhos para fortalecer a autoestima. Já a obra *Amoras* destaca a riqueza cultural e a beleza própria do fenótipo afro-brasileiro.

Nesse sentido, podemos afirmar que são obras pertinentes para a construção da autoestima positiva e elevada das crianças, pois no seu cotidiano também vão enfrentar desafios em relação à autoimagem, podendo, assim, se espelhar nas narrativas literárias. Nesse processo, a família e os professores têm papel essencial no fortalecimento da autoestima das crianças, a fim de que se sintam bem consigo mesmas, elevando sua autoestima.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao ponderar sobre a literatura infantil e a autoestima da criança, entende-se a importância da leitura literária nos espaços educacionais e familiares, no que tange às estratégias e aos propósitos que estimulam e motivam a criança ao gosto e interpretação e, consequentemente, o fortalecimento da autoestima.

Diante dessa abordagem, o estudo estabeleceu como objetivo geral analisar de que forma as obras da literatura infantil abordam a autoestima da criança. É possível identificar, pelas análises das obras, que Bintou enfrenta desafios relacionados a sua autoimagem e que para se sentir feliz pretendia ter padrão estético das mulheres mais velhas da comunidade. Porém, com a avó, personagem que simboliza sabedoria, experiência e ancestralidade, a partir da prática de enfeitar os birotes de Bintou, ajudou a fortalecer a autoestima da protagonista. Já na obra *Amoras*, é abordada a beleza e a identidade negra da protagonista por meio da conversa com o pai e da metáfora da amora. As análises das obras possibilitaram observar a literatura infantil abordando autoestima, por meio, de vínculos afetivos entre os personagens e vivências nas cenas, além de valorizar as diversidades. Por fim, na narrativa de Elmer, de modo semelhante com Bintou, o protagonista também enfrenta situações relacionadas à autoimagem, ou seja, a sua colocação xadrez, porém encontra uma frutinha com a cor igual ao da manada de elefantes para pintar-se. Entretanto, é pela aceitação de sua coloração xadrez que se fortalece sua autoestima.

Para tanto, nos objetivos específicos, busquei estudar a importância da literatura infantil na formação do sujeito. Durante as leituras e discussões dos textos, percebeu-se o quanto é benéfico e de direito para a criança ter contato com a Literatura Infantil, visto que permite desenvolver a imaginação e diversas habilidades, tornando a criança capaz de refletir criticamente sobre si mesma e sobre o mundo em que vive.

Quanto ao objetivo específico estudar o papel do professor na mediação da leitura literária, constatou-se que o papel do docente vai muito além de apresentar as obras: é necessário estimular o educando a diferentes leituras de experiência prazerosa e dar vida aos personagens, a fim de abrir caminhos para os leitores compreenderem a história. Além disso, o professor promove um ambiente acolhedor, cria laços afetuosos que se tornam essenciais para o fortalecimento da autoestima. Assim, percebe-se o

quanto a leitura pode ser também um encontro humano, marcado por vínculos e trocas significativas.

No terceiro objetivo - analisar narrativas da literatura infantil quanto ao tratamento da autoestima da criança – observou-se o quanto as categorias narrativas são bem elaboradas, aproximando o leitor da história. As narrativas demonstraram que os personagens passaram por vários desafios que refletem a luta contra a baixa autoestima, mas que, ao longo do percurso, conseguem ressignificar suas experiências e superar seus conflitos. Dessa forma, as crianças, ao compreender essas histórias, encontram não apenas prazer estético, mas também caminhos para organizar seus pensamentos e elaborar suas emoções.

Nessa perspectiva, tomando como base os estudos dos textos, conclui-se que a literatura infantil, enquanto experiência estética, pode auxiliar a criança na questão da autoestima. Assim, o papel do professor como mediador constitui-se em planejar e escolher obras da literatura, respeitando o estágio de desenvolvimento da criança e propor atividades de leitura e contação de histórias, que despertem o leitor para o universo literário.

Por fim, o estudo buscou valorizar a literatura infantil como uma ferramenta que contribui para a vida da criança. Para as futuras pesquisas, considera-se importante investigar de que forma a literatura infantil pode ser incorporada na prática cotidiana de ambientes educacionais, e como isso implica o desenvolvimento e a aprendizagem da criança, tendo em vista relacionar teoria e prática.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Jéssica Maís; KANUZ, Marinês Andrea; MARTINS, Rosemari Lorenz. Eu conto, tu contas, ele conta: a leitura compartilhada para promoção do protagonismo infantil. **Infância Artes e Patrimônio Educativo**, Palmas: Universidade de Tocantins, v.8.n.33, 29 abr. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

BUNZEN, Clécio. Escolhas de textos para mediação literária: curadoria e critérios de decisão. **Literatura e arte no ciclo da alfabetização**, Recife: Centro de Estudos em Educação e Linguagem – CEEL/UFPE, ano 4, n. 4, p. 15-20, nov. 2020. ISSN 2595-6086.

CAMARGO, Luís. **Ilustração do Livro Infantil**. Belo Horizonte: Editora Lê, 1995.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *In: _____*. **Vários Escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul/ São Paulo: Duas Cidades, 2011.

COLOMER, Teresa. O Progresso do Leitor. In: COLOMER, Teresa. **A formação do leitor literário**. São Paulo: Global, 2003.

DIOUF, Sylviane A. **As tranças de Bintou**. Ilustrações Shane W. Evans. Tradução Charles Cosac. 2. ed. São Paulo: Cosac naify, 2005.

EMICIDA. **Amoras**. Ilustrações: Aldo Fabrini. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2018.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & diálogo**: as idéias linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editora, 2009.

FRADA, Cecília; NEVES, Ivone. A promoção da autoestima na criança. **Revista de Estudios e Investigación en Psicología y Educación**, ISSN 2386-7418, v. Extr., n. 01, 2017. DOI: <https://doi.org/10.17979/reipe.2017.0.01.2843>. Acesso em: 27 jul. 2025.

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon**: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 2008.

GUILHARDI, Hélio José. **Auto-estima, autoconfiança e responsabilidade**. Santo André, SP: ESETec Editores Associados, 2002.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira**: uma nova outra história. Curitiba: PUCPRESS, 2017.

MCKEE, David. **Elmer, o elefante xadrez**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1998.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky**: aprendizagem e desenvolvimento um processo sócio-histórico. 3. ed. São Paulo: Scipione, 1997.

PONTES, Rodolfo Rodrigues; BETTA, Thiago Eugênio Loredo. A ilustração do conto infantil: uma proposta para a educação literária imagética e paratextual na sala de aula. *Literartes*, São Paulo, Brasil, v. 1, n. 13, p. 127-149, 2020. DOI: 10.11606/issn.2316-9826.literartes.2020.171951. Disponível em: <https://revistas.usp.br/literartes/article/view/171951>. Acesso em: 11 set. 2025.

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. Dicionário de teoria da narrativa. Rua Barão de Iguape: Ática, 1988.

SANTOS, Karoline Batista dos; SAITO, Heloísa Toshie Irie. A Literatura na Educação Infantil: critério de seleção e possibilidades de intervenção. *Cadernos de Letras*, Pelotas, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.15210/cdl.v0i38.19728> Acesso em: 10 ago. 2025.

SILVA, Márcia Tavares. A ilustração do livro infantil e a formação do professor: contribuições de um acervo. *Nuances: estudos sobre Educação*, v. 28, n. 2, p. 135-152, maio/ago. 2017. DOI: <https://doi.org/10.14572/nuances.v28i2.5072>. Acesso em: 15 ago. 2025.

ZILBERMAN, Regina. **Como e por que ler a literatura infantil brasileira.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.